



PROTAGONISMO DAS MULHERES NA LUTA PELA TERRA NO ASSENTAMENTO PADRE EZEQUIEL RAMIN

*PROTAGONISMO DE LAS MUJERES EN LA LUCHA POR LA TIERRA EN EL
ASENTAMIENTO PADRE EZEQUIEL RAMIN*

*PROTAGONISM OF WOMEN IN THE FIGHT FOR LAND IN THE PADRE
EZEQUIEL RAMIN SETTLEMENT*

Aureni de Almeida MIRANDA¹
Catiane CINELLI²

RESUMO

O presente artigo, resultado de pesquisa para o Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal de Rondônia (2019), reflete sobre as experiências vividas no processo educativo das mulheres na luta pela terra no Assentamento Padre Ezequiel Ramin. A pesquisa iniciou-se com a problemática em torno das trajetórias de luta pela terra expressas nos processos de educação do Assentamento Padre Ezequiel Ramin, no município de Mirante da Serra, Rondônia. Orientou-se pelo objetivo geral de analisar o protagonismo das mulheres para a constituição do assentamento. Como objetivo específico, buscou-se: identificar os processos formativos realizados na história de organização do assentamento; descrever os fatores sociais que contribuíram com a luta das mulheres; e compreender os limites no processo

¹ Graduada em Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Rolim de Moura, Rondônia, Brasil. E-mail: aurenitsc@yahoo.com.br.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professora Adjunta na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz, Maranhão, Brasil. E-mail: catiane.c@ufma.br

de luta na caminhada das mulheres. A metodologia utilizada foi a pesquisa participante, por meio das técnicas de observação participante nos encontros de mulheres do movimento e entrevistas semiestruturadas com oito (8) mulheres, realizadas durante visitas a suas casas. A pesquisa constatou que, com a luta, a vida das mulheres melhorou, tanto em conhecimento, quanto em autonomia. Percebeu-se que é uma comunidade pedagógica que ensina as práticas educativas, transforma o convívio privado de doméstica em outras atividades que as tornam mais potentes nos conhecimentos sociais. Apontou-se desafios como vencer o medo e avançar em direção a relações de gênero igualitárias.

Palavras-chave: Educação; Lutas; Mulheres.

RESUMEN

Este artículo, resultado de una investigación para el Trabajo Final de la Licenciatura en Educación Rural de la Universidad Federal de Rondônia (2019), reflexiona sobre las experiencias vividas en el proceso educativo de las mujeres en la lucha por la tierra en el Padre Ezequiel Ramin Asentamiento. La investigación se inició con el tema de las trayectorias de lucha por la tierra expresadas en los procesos educativos del Asentamiento Padre Ezequiel Ramin, en el municipio de Mirante da Serra. Se guió por el objetivo general de analizar el papel de la mujer en el establecimiento del Asentamiento. Como objetivo específico, se buscó identificar los procesos formativos llevados a cabo en la historia de la organización del asentamiento; describir los factores sociales que contribuyeron en la lucha de las mujeres; y comprender los límites del proceso de lucha en el camino de las mujeres. La metodología utilizada fue la investigación participante, a través de técnicas de observación participante en los encuentros de mujeres en el movimiento, entrevistas semiestruturadas con ocho (8) mujeres a través de visitas a sus hogares. Con la investigación se constató que con

la lucha, la vida de las mujeres mejoró, tanto en términos de conocimiento como de autonomía. Se notó que es una comunidad pedagógica que enseña prácticas educativas, transforma la vida doméstica privada en otras actividades que las hacen más poderosas en el conocimiento social. Fueron señalados desafíos de cómo superar el miedo y avanzar en igualdad de relaciones de género.

Palabras clave: Educación; Lucha; Mujeres

ABSTRACT

This article, the result of a research for the Final Paper of the Licentiate Course in Rural Education at the Federal University of Rondônia (2019), reflects on the experiences lived in the educational process of women in the fight for the land of the “Padre Ezequiel Ramin” Settlement. The research began with the issue surrounding the trajectories of fight for land expressed in the education processes of the Padre Ezequiel Ramin Settlement, in the municipality of Mirante da Serra. It was guided by the general objective of analyzing the role of women in the establishment of the Settlement. As the specific objective, it was sought to identify the formative processes achieved in the history of the organization of the settlement; to describe the social factors that contributed to the fight of women; and, to understand the limits in the fight process in the journey of the women. The methodology used was participant research, through participant observation techniques in the meetings of women in the movement, semi-structured interviews with eight (8) women through visits to their homes. The research verified that with the fight the lives of the women improved, in both terms of knowledge and autonomy. It was noticed that it is a pedagogical community that teaches educational practices, transforms the private domestic life into other activities that make them more powerful in social knowledge. It was pointed out challenges such as

overcoming fear, and moving forward with equal gender relations.

Keywords: Education; Fights; Women

1. Apresentando a pesquisa

O presente artigo, resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas, pretende contribuir com a sociedade para compreensão das relações sociais e com as instituições acadêmicas com a discussão do tema sobre as experiências de um processo de formação das mulheres na luta pela terra no Assentamento Padre Ezequiel Ramin. Partimos da problemática das trajetórias de luta pela terra expressas nos processos de educação do Assentamento Padre Ezequiel. O objetivo geral da pesquisa foi analisar o protagonismo das mulheres para a constituição do Assentamento Padre Ezequiel Ramin; e os objetivos específicos: identificar os processos formativos realizados na história de organização do assentamento; descrever os fatores sociais que contribuíram com a luta das mulheres; e compreender os limites do processo de lutas na caminhada das mulheres.

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) “coloca como princípio fundamental contribuir criando condições objetivas de participação igualitária da mulher na sociedade garantindo-lhes direitos iguais”³. A participação feminina, ocupando espaços nas instâncias da organização, ganha êxito nas conquistas, mas, compreendendo as contradições do processo de transformação social, nos propusemos a aprofundar o debate que contribui com a luta de classe. Pensamos que a presente pesquisa traz a sistematização da luta das mulheres no assentamento como ferramenta pedagógica e, com isso, visa contribuir com o processo de luta pela terra.

A metodologia usada para o trabalho foi a pesquisa participante. “A pesquisa participante e a educação popular partem do princípio de que, assim como não existe vazio de poder, também não existe um vazio de saberes e de cultura”⁴. Ela é também um instrumento pedagógico de aprendizado, pois durante o diálogo são compartilhados

³ MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

⁴ BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Romeu Danilo. *Pesquisa participante: o saber da partilha*. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

os conhecimentos e saberes coletivos. Assim, é uma abordagem participativa que dialoga com os saberes sociais capazes de transformar a realidade.

Como técnica, utilizamos a entrevista semiestruturada com oito (8) mulheres, realizada em visitas a suas casas, que possibilitou a coleta de dados sobre a luta das mulheres pela conquista da terra. Para registrar as entrevistas, utilizamos um gravador como recurso. Para o andamento do trabalho em campo, foram realizadas observações participantes em reuniões e seminários das mulheres, analisando todos os aspectos dos debates observados nos encontros com elas, que foram registrados no diário de campo⁵. Para identificar cada entrevistada, adotamos um nome fictício que foi escolhido de acordo com o diálogo, como forma de garantia do anonimato.

Pesquisamos autores e autoras que discorrem sobre mulheres em assentamentos para o desenvolvimento do trabalho. Foi realizado um levantamento sobre o patriarcado, que segue como referencial teórico. Como resultados e discussão é apresentado relato sobre a resistência e formação política das mulheres na luta pela terra. Alguns elementos são resgatados sobre o acontecido em oito (8) de março, que é um marco histórico na luta pela liberdade das mulheres.

Também é apresentada a massificação e participação das mulheres nos movimentos sociais, reforçando a luta por direitos. Para melhor compreender esse contexto, utilizamos autora⁶ que resgata a resistência e formação das mulheres em lutas. Utilizamos também autor que contribui com dados sobre o histórico da luta pela terra e a participação das mulheres em Rondônia.

Seguindo a escrita, há o relato sobre a formação política das mulheres no Assentamento Padre Ezequiel e a organização do Movimento Sem Terra (MST) enquanto movimento. Apontamos o protagonismo das mulheres, o que mudou e o que trouxe de formação política para suas vidas. O processo de formação e educação dos sem-terra busca a inserção na retomada das ocupações e distribuições de terras, as experiências que nos humanizam enquanto seres humanos com capacidade de fazer as transformações sociais.

⁵ Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

⁶ SAFFIOTI, Heleieth. *A Mulher na Sociedade de Classes*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

2. O patriarcado e a busca pela superação na vida das mulheres

Ao longo da História, vivenciamos momentos que nos trazem conhecimentos e avaliações de como podemos viver em coletivos, em sociedade. Os seres humanos têm aproximadamente dois milhões de anos e que os primitivos viviam de caça, pesca e coleta de frutas, fazendo sempre novas descobertas⁷.

Desde os tempos escravistas⁸ nasceu uma disputa de poder, que visava a uma concentração política, econômica e ideológica. Por isso, o patriarcado começou a ser enraizado nas famílias. Uma estrutura familiar cujo funcionamento era determinado pelo chefe, que era o pai, objetiva apontar que a obediência da mulher ao pai, ao chefe da família, era o ponto de partida para a sociedade⁹. Ademais, a divisão sexual do trabalho que organiza as atividades por sexos não dá permissão à mulher de exercer comando e a divisão social do trabalho, que divide por classe, faz com que a mulher, se não tiver uma estabilidade que garanta a sua estrutura econômica, não seja incluída na esfera do trabalho.

“Do mesmo modo como as relações patriarcais, suas hierarquias, sua estrutura de poder contaminam toda a sociedade, o direito patriarcal perpassa não apenas a sociedade civil, mas impregna também o estado”¹⁰. Assim, percebemos que estrutura patriarcal construída no berço familiar tem prejudicado a vida das mulheres, negando o direito de liberdade e felicidade, submetendo-as a uma política de obediência e não de convivência. O patriarcado se estabeleceu em um processo lento e chegou a tal ponto que gera a compreensão de que a submissão das mulheres seria natural, sendo trabalhar e obedecer consideradas obrigações da mulher.

O patriarcado quer fazer da dominação masculina um fato “natural” e biológico. E o patriarcado é de tal modo hoje uma realidade bem-sucedida

⁷ MURARO, Marie Rose. *A mulher no terceiro milênio*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

⁸ SAFFIOTI, Heleieth. *A Mulher na Sociedade de Classes*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

⁹ MURARO, Marie Rose. *A mulher no terceiro milênio*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

¹⁰ SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

que muitos não conseguem pensar na organização da vida humana de maneira diferente da patriarcal, em que o macho domina de direito e de fato¹¹.

Essa subordinação da mulher é a garantia da exploração de classe. Além disso, com a divisão social do trabalho, a mulher sofre uma dupla exploração, no trabalho e na sociedade. Ademais, ao longo dos anos, vem fazendo com que a sociedade reproduza uma hierarquia que nega direitos à mulher, que não constrói suas decisões próprias por serem violadas. Em uma sociedade capitalista, patriarcal e racista, “à medida que o homem vai controlando a natureza, seu poder sobre a mulher vai também, na mesma proporção, aumentando e se cerrando”¹².

Quando se aborda a questão da mulher e do trabalho produtivo no modelo capitalista, a mulher é tratada como um objeto para produzir mercadoria, desconsiderando toda a sua capacidade da reprodução humana e o fato de ser capaz de amar e de se valorizar como pessoa. Nesse contexto, a mulher é obrigada a renunciar a seus direitos e desejos afetivos para viver em prol do trabalho na produção de mercadorias. Isso faz com que vivamos em uma sociedade violenta e excludente, em que a mulher não é reconhecida como um ser social. Ela então figura nos conflitos como não produtora da sua própria história.

Além disso, não é em todos os espaços que a mulher é vista como um ser intelectual, um ser com capacidade de pensar e produzir conhecimentos em prol de outras pessoas. “A estratégia para acabar com essa situação, era exigir que as mulheres obtivessem a mesma equiparação política com os homens”¹³.

Ainda assim, durante toda a História, as mulheres foram construindo lutas de enfrentamento por direitos e igualdade, pela emancipação feminina, construindo resistência em um movimento feminista político. E foram muitas, as guerreiras que se empenharam nas lutas socialistas por direitos iguais de mulheres e homens.

De acordo com a pesquisa de campo, as entrevistadas revelam que nos movimentos sociais conhecem seus direitos e passam a lutar por eles, além de compartilhar tais aprendizados com companheiras, permitindo que, coletivamente, elas conquistem direitos básicos para uma vida digna para as mulheres. Nesse movimento de idas e

¹¹ MURARO, Marie Rose. *A mulher no terceiro milênio*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dosTempos, 1995.

¹² *Ibidem*.

¹³ GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. *As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

vindas na luta por melhores condições de vida, é possível que a mulher vá percebendo que a exploração e exclusão que pesam sobre os seus ombros vêm do modelo de sociedade patriarcal e comece a se libertar das amarras domésticas.

Em seu processo de luta, o MST foi percebendo que, sem a participação da mulher, era impossível a organização avançar para atingir os seus objetivos. Essa percepção colocou o MST diante de vários desafios que precisaram ser superados para que as mulheres tivessem condições básicas de participação na luta, um deles foi a conquista de escolas nos acampamentos. Com as escolas, foi resolvida a questão da separação do casal, já que o homem ia fazer a luta pela terra, mas a mulher ficava na comunidade de origem para garantir a permanência dos filhos na escola.

2.1. A resistência e formação política das mulheres na luta

A auto-organização das mulheres nasceu em suas lutas diárias, fundamentada em seu próprio cotidiano, em que elas foram se articulando e buscando melhores formas de vida. “Dar esse passo, entretanto, não foi tarefa fácil. Em primeiro lugar, manifestar a necessidade de escrever a história das mulheres supunha romper com a concepção androcêntrica da história”¹⁴. Consideramos que essa trajetória das mulheres foi se descobrindo a cada passo, pois elas sempre fizeram parte do processo histórico. Sempre foram elas que lutaram em busca do alimento e que o produziram.

A resistência na luta pelas lideranças nasceu porque as mulheres começaram a se rebelar contra o sistema opressor, lutando pela vida e pelos direitos que lhes eram negados. A luta, desde sempre, como vimos por meio dos estudos, tem como alvo o sistema capitalista, patriarcal e racista, por não aceitar que mulheres se organizem e criem o seu protagonismo pela força exercida no engajamento político.

A participação das mulheres na luta garante, então, as conquistas que lhes são necessárias para serem vistas como cidadãs brasileiras. Pode-se ver o ponto de vista de uma mulher feminista:

Costumo criticar o feminismo baseado em estilo de vida determinado, pois temo que qualquer processo de transformação feminista que busque mudar a sociedade seja facilmente cooptado se não estiver radicado no compromisso político com um movimento feminista de massas¹⁵.

¹⁴ *Ibidem*.

¹⁵ HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Ed. WMF; MartinsFonte, 2013.

A autora aborda o processo de formação do movimento feminista, apontando a formação como a base de um processo de transformação, que deve ser bem alicerçada para ter um resultado positivo para a classe trabalhadora. Tudo que é feito por uma organização para o bem da população é bastante delicado para não colocar em risco a vida das próprias companheiras de luta.

“A liberdade amadurece no confronto com outras liberdades”¹⁶. Assim, uma mulher que tem acesso à formação e consciência não aceita ser humilhada ou explorada pelo seu cônjuge. Sem acesso a uma formação, a mulher deixa de ser sujeita da história para atender simplesmente aos trabalhos domésticos, cuidados dos filhos e esposo, como se ela fosse incapaz de participar das tomadas de decisões políticas e do trabalho produtivo, deixando de ser ela mesma a construtora da sua liberdade e do seu destino.

O período da ditadura militar, nos anos de 1964 a 1984, para as mulheres, foi de sofrimento. Várias organizações femininas foram desaparecendo devido às perseguições e à crueldade do sistema que, durante o regime, foram impostas contra as mulheres, fazendo com que muitas delas fossem presas ou até perdessem a vida. “A repressão atingiu as forças populares organizadas, sobretudo sindicatos e camponesas”¹⁷. Mas, nem por isso, as mulheres deixam de existir. Elas e todas as organizações populares se reergueram e buscaram novas alternativas. Com a luta para o fim da ditadura, os movimentos sociais populares foram tomando corpo.

3. A autonomia das mulheres sem-terra - Resultados e Discussão

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra nasceu durante a ditadura militar, em plena repressão política de um sistema que impedia qualquer movimento de lutar por seus direitos. Frente à necessidade das famílias, foi uma luta que se originou de outros movimentos sociais. “O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional dos Trabalhadores Sem Terra que aconteceu de 20 a 22 de janeiro de 1984 em Cascavel no estado do Paraná”¹⁸.

¹⁶ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 2.Ed.SãoPaulo:PazeTerra, 1997.

¹⁷ TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

¹⁸ CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do movimento sem-terra*. São Paulo: Expressão Popular,2004.

Lutando contra os entraves impostos pelo modelo do capital, o MST avançou no processo das ocupações e do bem-estar das famílias sem-terra, pois, em primeira mão, é preciso ter terra, trabalho, moradia e comida.

Conforme mostra a História da Luta pela Terra, a mobilização dos sem-terra pelo MST fez suas primeiras ocupações em setembro de 1979, quando “110 famílias sem terra entram na fazenda Macali onde em pouco tempo montaram acampamento”¹⁹ e na fazenda Brilhante, no Rio Grande do Sul. As ocupações de terras se seguiram, engrossando as fileiras e mostrando que é possível fazer a luta, com estratégias nacionais, pelo próprio movimento de massas.

O Assentamento Padre Ezequiel, em Rondônia, é resultado da ocupação na fazenda Urupá, com 6.048 (seis mil e quarenta e oito) hectares localizados a 6 km da cidade de Mirante da Serra. Um conjunto de cerca de 300 famílias de trabalhadores (as) se organizou vindo de vários municípios vizinhos como Ouro Preto do Oeste, Urupá, Nova União, Tarilândia e outros. As famílias ocuparam a fazenda no primeiro semestre de 1997 e ficaram na área por oito meses com apoio de sitiantes da região, de entidades e da igreja católica. A partir da organicidade do acampamento, aconteceu a inserção das mulheres na luta por formação política. “Na luta foi muito difícil [...], mas a gente conseguiu estudo na vida né, estudo em comunidade para aprender o convívio em viver em comum” (informação verbal). Esse estudo é uma ferramenta fundamental para a organização social das famílias. Assim, dentro da sua realidade, o MST organiza a formação das mulheres, seja no modo de educação formal, seja no não formal. Esse trabalho tem contribuído para que as mulheres conquistem sua liberdade e autonomia. Além disso, a contribuição do MST para a formação política das mulheres também aconteceu por meio da organização dos núcleos, os quais são espaços de tomadas de decisão, cuja coordenação é composta sempre por uma mulher e um homem.

Como historicamente a missão de cuidar foi dada às mulheres, no acampamento, não foi muito diferente, algumas mulheres receberam de antemão a tarefa de cuidar de um bem precioso das famílias acampadas: a saúde das pessoas. O Movimento Sem Terra soube valorizar a contribuição das mulheres de acordo com as suas habilidades, desde a prática de fazer um chá ou uma comida e de cuidar das crianças nas cirandas infantis até as articulações para realizar as grandes jornadas de lutas para discutir as

¹⁹ MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001

pautas de reivindicações médicas, atendimento escolar e desapropriação das áreas para assentar as famílias, entre outras demandas. “Nós mulheres, através da luta, conseguimos enfrentar o sistema e dizer queremos isso ou aquilo. Foram várias conquistas que a mulher teve até em relação às moradias” (informação verbal).

Outro problema crucial que precisou ser solucionado foi a falta de escolarização das mulheres. Várias mulheres sabiam ler e escrever, mas, às vezes, não tinham concluído nem o ensino fundamental. Diante dessa situação, o MST desenvolveu alguns programas de alfabetização. “Por isso também, o MST começou, a partir de 1998, a sua trajetória com curso superior de pedagogia, desta vez já em parceria com as universidades”²⁰. A discussão em prol da formação foi se expandindo em várias instituições, visando também outros cursos em outras áreas de conhecimento. “Olhando nossa realidade hoje, o que mais o MST cresceu foi nos espaços das universidades, agora se insere na Educação do Campo” (informação verbal). A resposta dessas conquistas está no conhecimento de cada pessoa e, olhando para os dias atuais, sabemos que essa luta possibilita direitos por dias melhores.

Esses projetos educacionais visaram elevar o nível de escolaridade das famílias acampadas e assentadas para que assim todos e todas pudessem estudar os materiais de formação política do movimento.

Meu estudo só foi até a 4ª série. Então, aprendi tudo no meio do povo. Na época que eu era jovem, seguirem frente nos estudos era meio complicado, não existia meios pra gente ir porque era longe, era na cidade, mas os meninos homens iam né!? Às mulheres era proibido ir, não era de direito. Aí, depois que casei, complicou mais ainda. Mas consegui estudar outros cursos que me ajudou nessa formação que tenho hoje (informação verbal).

Muitas mulheres foram participando dos cursos de formação política realizados pelo MST e dos cursos realizados pela igreja católica. Todos os trabalhos de educação realizados contribuíram para elevar o grau de formação política e escolar das mulheres, mas os espaços de formação não se resumem apenas aos cursos, pois a luta também eleva o grau de formação das mulheres.

A partir do momento em que foram traçando metas, tanto de escolarização quanto de formação, o processo de aprendizagem mudou para além do que imaginavam, pois, a medida que os dias foram passando, foi surgindo a necessidade de avançar para buscar outros meios de formação para as famílias. Além disso, perceberam que, para

²⁰ CALDART, Roseli Salete. *Pedagogia do movimento sem-terra*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

garantir a escola no assentamento, seria preciso ter pessoas habilitadas em educação escolar. Por isso, as parcerias com as universidades são importantes para a escolarização de profissionais na educação, até mesmo para garantir a escola no local do acampamento e assentamento. Assim, desde os primeiros dias de ocupação, “pais e professores formaram comissões para reivindicar e organizar escolas nos acampamentos e assentamentos”²¹.

Entre esses e outros desafios, a luta segue sempre com firmeza em defesa da vida e da formação dos sem-terra. E, diante dos desafios, são várias as questões enfrentadas para quais as mulheres buscam mais capacitação no seu cotidiano. A luta ensina que nós mesmas somos capazes de fazer a diferença, basta buscar os objetivos mais propícios para que nós mulheres possamos sair de um mundo privado e conhecer outros horizontes.

O engajamento das mulheres na luta traz retorno eficaz para a vida social e familiar. A conquista da terra foi referência da participação massiva das mulheres, visando melhoria de vida e morada fixa na terra. Olhando de forma geral para a história de vida de todas as famílias do assentamento, percebemos que tanto a vida econômica quanto a vida social das mulheres mudaram bastante.

De acordo com as entrevistas, dos direitos negados às mulheres do campo, o que mais tem prejudicado é a falta da terra. Esse direito à terra é que dá sustentabilidade a situação dos povos do campo. E foram as mulheres, principalmente, que encontraram caminhos que lhes permitiram, juntas com outras mulheres, resolver parte dos seus problemas. Entretanto ainda há muitos desafios a serem enfrentados, seja nas relações de gênero, percebendo o porquê das dificuldades das mulheres, seja nos desafios de promover estudos básicos nos assentamentos.

Para uma das entrevistadas, estar na escola é uma questão de necessidade e conhecimento de vida e realidade, um desejo de escola que caracteriza também a luta na terra. “Nos lotes de terra, os assentados têm moradias e oportunidades de trabalho, viabilizando a melhoria nas condições de alimentação, residência, acesso à educação e a serviço público”²². A formação, em outros aspectos, contribui para a vida das mulheres assentadas.

²¹ MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

²² LOPES, Adriana L, BUTTO Z, Andrea. *Mulheres na reforma agrária: a experiência recente no Brasil*. Brasília: MDA, 2010.

São muitas as experiências ao longo do processo de luta que deixam marcas na luta pela conquista da terra. A busca por dias melhores propiciou afeto, experiências e a construção de identidade por fazer parte de uma organização.

Essas novas relações, além de lutas, fazem práticas concretas, ou seja, a participação das mulheres nos movimentos, além de promover uma articulação política, realiza ações, [...] recuperação, produção e melhoramento das sementes [...] produzem grande parte dos alimentos consumidos na propriedade que ajudam no auto sustento e na renda familiar²³.

Ao tornarem-se assentadas, essa formação contribuiu para que a administração da propriedade trouxesse resultado mais eficaz. Quem participa vai aprendendo e percebendo no outro a vontade de lutar sempre. “A luta vai transformando a vida e o jeito da gente ver as coisas, já não estão mais sozinhos e isolados”²⁴. É muito gratificante conhecer de perto uma luta que traz tantas mudanças na vida das famílias:

Eu aprendi tomar decisão [...]. Eu aprendi que essa não era a nossa realidade [...] eu era uma mulher sem decisão na vida, eu me sinto mais liberta [...] hoje eu me sinto capaz, à realidade que eu vivia antigamente que o mundo girava em torno de mim, eu não me envolvia com nada [...], eu não pensava em fazer uma viagem, a fazer um passeio, hoje eu sou capaz de tudo isso que falei (informação verbal).

Com a garantia dentro da luta do saber fazer, que vai mostrando para as mulheres que a vida tem outros rumos, são possíveis mudanças que permitem criar projetos de vida, sair do medo e buscar valores próprios como mulheres capazes de causar sua própria transformação.

Os espaços de convivência também contribuem para as relações sociais das famílias e constroem laços afetivos de valorização de uns pelos outros. Consideramos o trabalho como um aprendizado além de nossa imaginação, pois, seja no trabalho coletivo no acampamento e no assentamento, seja no individual, as mulheres aprendem e lutam muito por sua libertação, mesmo pensando no futuro dos (as) filhos(as), elas têm vivenciado a luta com muito esforço por acreditar que nós camponesas somos fortes.

²³ PERON, Lucélia. DAMBROS, Marlei. FONSECA, Elias, G, L da. A Contribuição da Universidade para o Fortalecimento das Mulheres Agricultoras. In.: BONI, Valdete; PERON, Lucélia; MARQUES, Siomara Aparecida; MOHR, Naira Estela Roesler; BASTIANI, Tania Mara de(org.). *Mulheres camponesas e agroecologia*. Curitiba: Ed. CRV, 2017.

²⁴ MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Construindo o Caminho*. São Paulo: Secretaria Nacional do MST, 2001.

4. Considerações finais

Ao realizar este trabalho de pesquisa, concluímos que o nível de consciência das mulheres assentadas, a partir do momento em que elas começaram a participar do processo de luta pela terra, foi bastante elevado, considerados os mais variados aspectos, tanto administrativos no gerenciamento da propriedade, como os políticos, referentes à luta de classe. Dentre os avanços relacionados ao nível de conhecimentos para gerenciar a propriedade, destacamos suas influências nas tomadas de decisões nas linhas de produção para definir o que plantar.

Outro aspecto positivo é que algumas mulheres adquiriram conhecimentos suficientes para distinguir os valores nutritivos dos alimentos, ter os domínios para discernir os quesitos básicos para ter uma alimentação saudável, além de conhecer os valores medicinais das ervas e assim conseguirem uma saúde bastante equilibrada sem que necessariamente tenham que recorrer ao Sistema Único de Saúde - SUS ou aos medicamentos químicos das indústrias farmacêuticas. Com o processo de formação das mulheres, muitos casos básicos de saúde foram solucionados desde o momento da chegada das famílias ao acampamento até os dias atuais. Hoje muitas mulheres assentadas têm a consciência de que a base de uma boa saúde está relacionada à qualidade da alimentação, que é princípio primário para a prevenção de qualquer tipo de doença.

Vale destacar o esforço que o setor de educação do MST teve juntamente com outros movimentos sociais de criar projetos para a inserção dos povos do campo nas universidades. A formação/educação que as mulheres do Assentamento Padre Ezequiel Ramin receberam nos cursos formativos contribuiu na relação com a terra, garantindo moradias, comida, estudo e trabalho.

O relato sobre o protagonismo das mulheres na luta tem contribuído para que elas se sintam parte da luta, mas também para as suas vidas durante todo esse processo. Destacamos que todo o enfrentamento vivenciado durante a luta no assentamento teve como resultado positivo o acesso à terra, que proporcionou uma transformação social na vida das mulheres.

No que diz respeito ao enfrentamento do patriarcado no assentamento, há muito que trabalhar sobre as relações de gênero, pois é notório que ainda existem mulheres com dificuldades, por serem mulheres, nas tomadas de decisões. Percebemos que, elas ainda são consideradas as responsáveis pela educação dos filhos (as) e que, no que

diz respeito a tomadas de decisões sobre outras questões ou negócios, elas pedem opinião ao marido. Por que as mães sempre têm que estar à frente da educação dos filhos?

Outro aspecto em que o patriarcado deixa marca nas mulheres é o medo de falar em público. Esse é um sentimento que percebemos estar sempre presente nos momentos de expor o que sabem. Dessa forma, o patriarcado nas famílias continua se reproduzindo. Portanto, as mulheres precisam avançar em alguns aspectos, sendo necessário que haja a continuidade dos encontros formativos, melhorando as vidas e encontrando melhores formas de convivências nas relações de gênero.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Romeu Danilo. **Pesquisa participante: o saber da partilha.**São Paulo:Ideias eLetras, 2006.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do movimento sem terra.** São Paulo: Expressão Popular,2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.**2.Ed.SãoPaulo:PazeTerra,1997.

GONZÁLEZ, Ana Isabel Álvarez. **As origens e a comemoração do Dia Internacional das Mulheres.** São Paulo: Expressão Popular, 2010.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** São Paulo:Ed. WMF; MartinsFonte,2013.

LOPES, Adriana L, BUTTO Z, Andrea. **Mulheres na reforma agrária: a experiência recente no Brasil.** Brasília: MDA, 2010.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST.** São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MST, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **Construindo o Caminho.** SãoPaulo: Secretaria Nacional do MST, 2001.

MURARO, Marie Rose. **A mulher no terceiro milênio.** 4. ed. Rio de Janeiro: Rosa dosTempos,1995.

PERON, Lucélia. DAMBROS, Marlei. FONSECA, Elias, G, L da. A Contribuição da Universidade para o Fortalecimento das Mulheres Agricultoras. In.: BONI, Valdete; PERON, Lucélia; MARQUES, Siomara Aparecida; MOHR, Naira Estela Roesler; BASTIANI, Tania Mara de(org.). **Mulheres camponesas e agroecologia.** Curitiba: Ed. CRV, 2017.

SAFFIOTI, Heleieth. **A Mulher na Sociedade de Classes**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1999.